

## RIQUEZA E DIVERSIDADE LEXICAL DAS ETNIAS

Maria Aparecida Barbosa (USP)

*“Tribo da Amazônia que não conhece os números desafia as teorias sobre a formação dos idiomas.” (Veja, 18/04/2007, p. 90).*

*“A priori, talvez se poderia supor que o sentido que se organiza pertence àquilo que é comum a todas as línguas e, portanto, às suas semelhanças; mas isto é ilusão, pois ele assume sua forma específica em cada língua; não existe formação universal mas apenas um princípio universal de formação.” (Hjelmslev, 1975, p. 78).*

### 0. Introdução

Neste trabalho, examinamos aspectos da complexa organização de convenções lingüísticas e suas não menos complexas axiologias subjacentes. Partimos do princípio de que os grupos humanos reelaboram, segundo suas diferentes visões de mundo, os biofatos, os sociofatos, os psicofatos, os manufatos, gerando, assim, tantos universos antropoculturais quantas forem as etnias consideradas. Este processo de redução/ampliação seletiva de traços caracterizadores dos `fatos naturais`, constitutivos da substância do conteúdo, denomina-se conceptualização (Pottier, Rastier, Greimas, Pais), que em última análise é o processo de conversão da `substância do conteúdo` em `forma do conteúdo`. Neste patamar do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, tem-se um sistema muito bem organizado de conceitos, grandezas pré e trans-semióticas que, em etapa posterior, serão transformadas em signos. *Formar* é aqui entendido, pois, como processo de atribuição e supressão de valores e funções; de constituição de núcleos semânticos cognitivos que, muitas vezes, estão muito distantes da realidade fenomênica. Chegamos, assim, a uma definição de língua que nos parece muito precisa, densa e veraz: “... *uma das definições possíveis (e até mesmo, conforme pensamos, a mais fundamental) de uma língua, na acepção saussureana do termo, é a que consiste em defini-la como uma forma específica organizada entre duas substâncias: a do conteúdo e da expressão...*” (Hjelmslev, *apud* Lopes, 1976, p. 94).

Dos autores citados extraímos os modelos teóricos que sustentam as análises e descrições dos dados integrantes do *corpus* de análise: “O mistério dos Pirahãs”, artigo na secção Ciência, da revista *Veja* (2007, ano 40, nº15, pag. 90). O autor refere-se a uma tribo indígena da Amazônia que não conhece os números e desafia as teorias sobre a formação dos idiomas (*sic*). As reflexões feitas sobre os dados desse artigo, aliadas a pesquisas anteriores permitiram-nos chegar a um modelo geral de formalização de axiologias.

### 1. Descrição dos dados do *corpus*

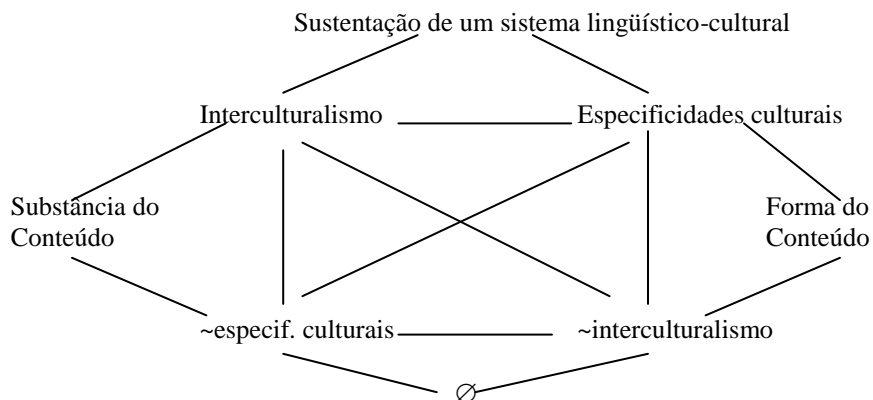
Recortaremos, inicialmente, os trechos em que o Autor argumenta sobre as especificidades das convenções lingüístico-culturais do grupo étnico dos pirahãs, formado por 350 indígenas que vivem às margens do rio Maici, no Amazonas. São eles: a língua dessas pessoas tem características únicas no que diz respeito à comunicação; é a única até hoje identificada no mundo (*sic*) que não tem frases subordinadas; não tem palavras para descrever as cores; não usam tempos verbais que indiquem ações passadas; não tem a tradição oral de contar histórias; tudo é dito no presente; é uma língua ágrafa; não usam números e não sabem contar; não desenham e desconhecem qualquer tipo de arte; são a

única sociedade no mundo, segundo a avaliação de antropólogos, que não cultivava nenhum mito da criação, para explicar sua origem. Segundo o articulista, a ausência da abstração aritmética entre os pirahãs foi estudada recentemente pelo lingüista americano Peter Gordon, que tentou ensinar-lhes a contar de um a dez, explicando-lhes o conceito de números e sua utilidade no cotidiano. Não obteve nenhum sucesso.

Nas últimas décadas, além de Gordon, outros pesquisadores embrenharam-se na selva amazônica, para estudar a língua e a cultura dos pirahãs. O etnólogo inglês Daniel Everett morou com a tribo por sete anos. Foram seus estudos que chamaram a atenção do mundo acadêmico, para as particularidades da tribo e para os desafios que ela apresenta à ciência. De acordo com esse autor, entre a teoria da gramática universal, que é inadequada para explicar o idioma pirahã e a teoria de Whorf, nos anos 30, de que o idioma condiciona o raciocínio, a Segunda é, sem dúvida, mais fidedigna aos fatos.

## 2. Das axiologias

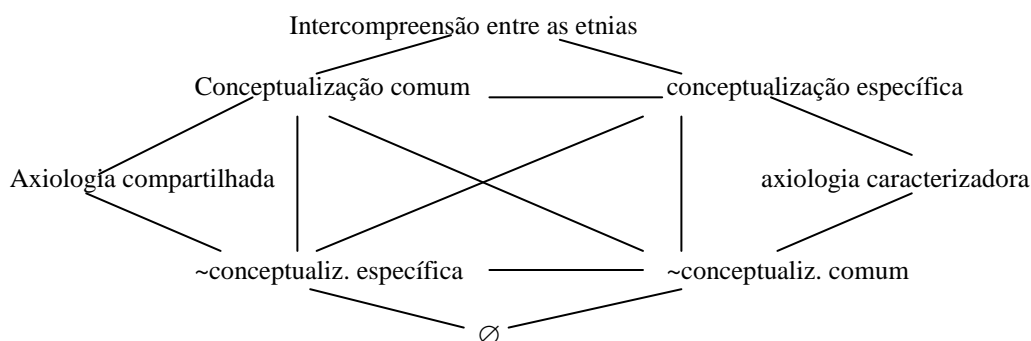
Concordamos com as reflexões do articulista sobre a gramática universal e sobre a teoria de Whorf. Entretanto, é preciso nuançar alguns pontos. Não são só a língua e a cultura dos pirahãs que desafiam as teorias sobre a formação dos idiomas. Na verdade, todas as línguas têm suas especificidades axiológicas, até mesmo o inglês, o idioma mais disseminado do mundo. Portanto, qualquer língua desafia essas teorias. É certo que a sua gramática vem de sua cultura que é absolutamente única. Entretanto, qualquer grupo etnolingüístico tem uma conceptualização própria do mundo e uma semiotização específica do universo conceptual. Lembremos aqui as palavras oportunas do lingüista dinamarquês Louis Hjelmslev, sobre a teoria da substância e forma do conteúdo. “O sentido, em si mesmo, é informe, isto é, não está submetido, em si mesmo, a uma formação, mas é suscetível de uma formação qualquer. Se há limites aqui, eles estão na formação e não no sentido. É por isso que o sentido é, em si mesmo, inacessível ao conhecimento, uma vez que a condição de todo conhecimento é uma análise, seja qual for a sua natureza. Portanto, o sentido só pode ser reconhecido através de uma formação, sem a qual ele não tem existência específica (...). É por isso que a construção de uma gramática sobre os sistemas ontológicos está tão destinada ao fracasso quanto a construção da gramática de uma determinada língua sobre uma outra língua (...) as diferenças entre as línguas não provêm das realizações diferentes de um tipo de substância mas das realizações diferentes de um princípio de formação ou, em outros termos, de diferentes formas em relação a um sentido idêntico, porém amorfo.” (1975, p. 79-80). Essas relações podem ser assim formalizadas:



Acreditamos, pois, que não existem culturas superiores nem inferiores, não existem línguas bizarras ou civilizadas, trata-se de considerar que haverá tantas culturas e tantas línguas, quantos forem os grupos étnicos considerados, cada qual com suas características e convenções. O princípio do interculturalismo dialeticamente se articula com as identidades.

Sobre as especificidades e os saberes compartilhados, assim se expressa Hjelmslev: “observa-se que o sentido não-formado assume uma forma de modo diferente em cada língua. Cada uma dessas línguas estabelece suas fronteiras na massa amorfa do pensamento, ao enfatizar valores diferentes, numa ordem diferente, coloca o centro de gravidade diferentemente e dá ao centro de gravidade um destaque diferente” (1975, p. 57).

A esse complexo processo de redução/ampliação seletiva dos dados da experiência, denomina-se conceptualização, que, em última análise, equivale à ideologia, ou aos sistemas de valores de um grupo étnico, à sua visão de mundo, enfim à sua axiologia. Existe uma cognição específica de uma comunidade e cognições compartilhadas por várias comunidades, ou ainda, como sublinha Pais (2006, p. 193), trata-se das pregnâncias socioculturais ou da escolhas dos sujeitos coletivos. Tem-se, pois:



Verifica-se que a realidade fenomênica é ordenada, articulada, formada de modo diferente segundo as diferentes línguas. São as funções semióticas que determinam cada forma lingüística. Observa-se, ainda, que juízos de valor não se aplicam ao produto final, forma do conteúdo e forma da expressão, pois no macro-universo lingüístico-cultural os micro-universos, que são constituídos pelos diferentes grupos etno-lingüístico-culturais, são co-ocorrentes e não concorrentes. Claro está que o ponto de partida das nossas análises e julgamentos é sempre o da nossa língua materna. Por esse motivo, entende-se a perplexidade do articulista e de alguns de seus leitores.

#### BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA:

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

PAIS, Cidmar Teodoro. O saber compartilhado, o mundo semioticamente construído e o discurso publicitário institucional. In: *Anais do IX Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*. Rio de Janeiro, CIFEFIL, 2006, p. 193-203.

O mistério dos pirahãs. *Revista Veja*, 18/04/2007. São Paulo, Abril, 2007.